



renaissance A SONG FOR
ALL SEASONS

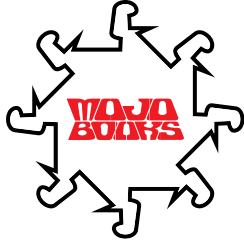
recontado por
LUCA ARGEL



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

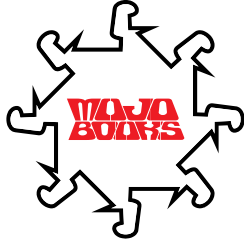
Danilo Corci
organizador



VOLUME 40

A SONG FOR ALL SEASONS
renaissance

recontado por **LUCA ARGEL**



VOLUME 40

A SONG FOR ALL SEASONS **renaissance**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Setembro de 2007

Dia 22 de dezembro. Eu nunca soube que esse dia era solstício de inverno. Foi o dia em que meu pai partiu. Lembro-me dele cruzando a linha do horizonte devagar, como quem ainda tem um longo caminho a cobrir. Meu pai não remava muito bem. Talvez por isso fosse tão devagar. Antes de subir no seu barco azul, ele me beijou na testa e disse que quando chegasse perto do céu acenava. Quanto mais longe ia, mais próxima eu me sentia dele. Ele cruzou a linha que dividia o lago do céu, mas não o vi acenar.

* * *

Eu e meu pai morávamos ao sul do Lago Gigante. Ninguém mais morava lá, a não ser plantas e alguns animais. Nós também nunca nos mudamos, nunca saímos de lá. Meu pai dizia que atrás do Gigante moravam outras pessoas, muitas.

— Você já esteve lá, pai?

— Eu já morei lá, Moabe, mas prefiro aqui. Nada de bom que existe lá falta aqui — ele sempre dizia. Às vezes, quando



olhava o Gigante durante a noite, eu podia ver, lá no fundo, bem embaixo das estrelas, muitas luzes amarelas. — São as pessoas que moram lá, filha.

Papai trabalhava de dia na terra e de noite no barco. Era uma embarcação pequena, não cabia mais do que ele e eu dentro, mas demorou a ficar pronta. Quando eu nasci ele já havia começado a construção. De dia, enquanto ele saía pra trabalhar na terra, eu gostava de ficar brincando com o barco. Colocava-o na grama, subia, e ficava balançando. Outras vezes o virava ao contrário e me escondia embaixo. Sempre que eu fazia isso, meu pai ficava me procurando, me chamando em volta da nossa casa, até me encontrar e dar uma grande gargalhada. Eu sabia que ele conhecia meu esconderijo, mas mesmo assim gostava de fazer essa brincadeira. Meu pai quase nunca ria quando eu não estava perto.

— Sabia que todo barco tem um nome?

— É?

— Sim, é o dono do barco quem dá o nome. Sabe qual vai ser o nome deste?

— Qual?

— Adivinha!

— Não sei! Me conta!

— Quando estiver pronto você vai ver.



Lembro da manhã em que acordei e vi meu pai do meu lado, sentado numa cadeira.

— Levanta, filha! Vem ver isso aqui.

Assim que saí dei de cara com o barco.

— Está pronto — ele disse.

— Que lindo! É o barquinho mais bonito que eu já vi!

Na verdade, eu nunca tinha visto outro barco na vida, e meu pai sabia disso, mas eu tive certeza de que no mundo não poderia haver outro mais bonito. Papai o havia pintado todo de azul, minha cor preferida. Mas não era um azul qualquer. Era um azul clarinho, a primeira cor que aparece no céu quando a noite termina. Papai trabalhava no barco até de madrugada, então adivinhei que todo dia, antes do sol nascer, ele roubava um pouco daquela cor e guardava pra pôr no barco.

— Está vendo o que está escrito aqui? — meu pai apontou pro meu nome escrito no casco do barco. — “MOABE” está vendo?

Eu tinha visto, sim. De início, fiquei muito feliz por ver meu nome em uma coisa tão bela. Mas depois me senti estranhamente desconfortável. Corri e dei um abraço nele. Eu deveria estar eufórica, mas não entendia por que, em vez disso, ficava cada vez mais aflita. Abracei-o mais forte.



— Filha, hoje à tarde terei de partir neste barco.
Era manhã do dia 22 de dezembro, solstício de inverno.

* * *

Um dia eu estava andando pelo quintal e vi um grilo. Corri pra casa, peguei um pote de vidro e coloquei o bichinho dentro.

Levava o grilo pra todos os lados; e sempre que parava, colocava o pote no chão, deitava de frente pra ele e ficava observando, distraída. Quando papai voltou pra casa naquele dia fui mostrar o bicho pra ele. Pensei que ele fosse me dizer alguma coisa, brincar comigo e com o grilo, dar um sorriso ou até uma bronca e me mandar soltar o bicho. Mas ele só pegou o pote da minha mão e fixou o olhar dentro dele. Através do vidro eu via o grilo e, atrás do grilo, o rosto sério do meu pai. Ele me devolveu o pote e foi trabalhar no barco, sem nem uma palavra, até o dia seguinte.

Até ontem à noite não sabia por que meu pai tinha reagido daquela forma. Mas, enquanto eu dormia, Janim, que é o Pajem do Sono, me contou toda a história de meu pai, que eu não conhecia. Hoje acordei sabendo por que meu pai reagiu de modo tão estranho naquele dia. Papai não gostava de grilos. Mas nem sempre foi assim.



Janim me mostrou a casa onde meu pai morava antigamente, atrás do Gigante. Era uma casa bonita, grande, maior que a nossa, mas ele não gostava muito de lá, pois não tinha nenhum amigo. Papai era diferente das outras pessoas. Foi por isso que resolveu atravessar o lago e vir morar sozinho. Janim me contou que antes de eu nascer, só moravam na margem sul do Gigante as plantas, os animais e meu pai. E isso é tudo o que eu posso contar, por enquanto. Antes de continuar a história, preciso que vocês saibam quem é Janim, o Pajem do Sono.

* * *

Antes de ser Pajem do Sono, Janim já foi homem, mas isso foi há muito tempo, conforme ele mesmo me contou. E Janim não era um homem comum. Ele sabia fazer sonhos. Ao contrário dos homens comuns, que dormem de noite sem saber com o que vão sonhar, e às vezes acordam sem nem lembrar do que sonharam, Janim podia fazer seus próprios sonhos para, à noite, experimentá-los. Os sonhos ficavam guardados entre os pensamentos de Janim, e, à noite, antes de dormir, ele os soltava. Quando cresceu, Janim recebeu a visita de um Pajem do Sono, que parecia um homem velho.



— Janim, você foi abençoado quando nasceu, e hoje será abençoado novamente — disse o tal Pajem do Sono, que era quem fazia os sonhos das pessoas comuns.

Desse modo, Janim tornou-se Pajem do Sono — e desde então escolhe e faz os sonhos de todas as pessoas do mundo, os meus também. Em troca do trabalho, ele nunca mais precisaria dormir. Mesmo depois que morresse, continuaria acordado para fazer os sonhos das pessoas.

Primeiro ele ficou triste por nunca mais poder experimentar seus sonhos, mas depois de descobrir que, por intermédio dos sonhos, ele poderia influenciar a vida de qualquer ser que sonha, ficou satisfeito. Decidiu ser pra sempre o Pajem do Sono. No sonho que Janim fez pra mim ontem à noite, por exemplo, eu fiquei sabendo de tudo isso que acabei de contar... e de muito mais.

— Petor era um homem especial porque, como eu, podia fazer sonhos. Até melhor do que eu — foi o que Janim me disse no sonho. — Por isso ele se mudou e por isso você nasceu, e por isso o Lago Gigante secou.

O Pajem tinha acompanhado a vida de meu pai desde que descobriu que ele também podia fazer sonhos. O Pajem sabia que ele não precisava de ninguém pra isso.

— Primeiro, senti inveja de Petor. Quem era ele? O que sabia



ele de sonhos que eu não? — disse.

Janim me mostrou alguns dos mais belos sonhos que ele viu meu pai fazer. Eram muitos, cada um mais lindo que o outro. Nos sonhos, meu pai aparecia cercado de amigos, todos sorrindo. Às vezes correndo em volta do lago, às vezes só conversando, mas sempre felizes, tão felizes que eu me alegrava só de vê-los, e tinha vontade de ir lá viver com eles. Só havia um sonho em que meu pai estava só. Quer dizer, quase só. Estava sentado em sua cama, na nossa casa ao sul do Gigante, e segurava um bebê no colo.

— Esta é você, Moabe, da primeira vez em que seu pai sonhou contigo. Ainda nos primeiros anos depois de se mudar, Petor fez um sonho em que você era a filha dele. Ele gostou tanto que guardou o sonho, para poder tê-lo toda noite. Os anos passaram e o sonho foi envelhecendo, assim como você. A cada noite que ele a encontrava, você crescia um pouco. Lembra dos aniversários que comemorou com ele? Sempre no dia 22 de setembro, seu pai fazia um sonho especial, porque foi nessa data que ele viu você pela primeira vez. Para ele, essa era a sua data de nascimento.

Eu lembrava de todos os dias, é claro. Tinham sido dez aniversários passados com papai, e em todos ganhei um presente e muitos abraços e beijos. Em todos, menos no último. Não sabia por que, mas no meu aniversário de dez anos papai não tinha



me dado presente. Ele só me abraçou. Lembro-me que naquele dia ele parecia triste.

— Moabe, seu pai fazia os sonhos mais bonitos que eu já vi. Vendo-o aprendi muita coisa, mesmo com toda a inveja que sentia dele.

Janim parecia ter muito respeito por meu pai. Mas logo a inveja se tornou medo. Ele temia que meu pai se tornasse um Pajem do Sono e quisesse tomar o seu lugar. Achei isso uma bobagem. Meu pai gostava da sua vida. Gostava da nossa casa e gostava de mim. Eu tinha certeza disso.

— Moabe, quero que você me perdoe pelo que fiz. Saiba que me arrependo muito. Me senti ameaçado por Petor e desejei que ele nunca mais pudesse experimentar os sonhos que fazia. Desejei que ele nunca mais pudesse dormir. Desejei tanto que, um dia, quando faltavam três meses pro seu aniversário de dez anos, acabei conseguindo.

Eu notava que uma dor profunda se instalava na voz de Janim enquanto ele me contava a história do meu pai.

— Toda noite, antes de dormir, Petor se dedicava a fazer novos sonhos. Mas naquela noite ele só fez os sonhos. Não conseguiu tê-los porque ficou acordado. Os grilos não o deixavam dormir.

No sonho, vi papai deitado na cama, rolando de um lado pro



outro. Às vezes ele se levantava e tacava alguma coisa pela janela, mandando os grilos calarem a boca.

— Petor não sabia, mas era eu falando pela voz dos grilos: “Não durma, não durma nunca mais. Não sonhe nunca mais.”

O dia amanheceu, e meu pai ainda estava na cama. Tentava durante o dia o que a noite não permitiu. Tapava os ouvidos, fechava os olhos com força e tinha convulsões violentas, de tempos em tempos, mas não dormia jamais.

— Quando seu pai tentava dormir de dia, eram os pássaros que o atormentavam — Janim me explicou. — Os pássaros do dia se alimentam dos grilos da noite. O primeiro mês que seu pai passou sem dormir foi o pior de todos. Ele não comia nem bebia direito. Não tinha forças. Petor tornou-se uma fração do ser humano que um dia fora.

Janim me contou que, apesar de tudo, o maior sofrimento que esses dias causaram a meu pai não foi a falta de sono, mas a saudade que ele sentia de mim.

— Você não existia enquanto ele estava acordado, Moabe, e isso o deixava muito triste. Acredito que a única coisa que impediu seu pai de morrer foi o prazer que ele sentia ao fazer sonhos, mesmo que não pudesse usá-los. Mas eu sabia que uma hora, e ela não estava muito longe, ele teria de parar. No fim do segundo



mês acordado, seu pai percebeu que não tinha mais onde guardar os sonhos que fazia. Sem dormir para tê-los, cada sonho feito era guardado entre seus pensamentos, mas chegou uma hora em que não cabiam mais sonhos na sua cabeça. Cada vez que ele tentava começar um novo, sentia uma dor insuportável e era obrigado a parar. Foi quando ele teve a idéia do barco.

Papai trabalhava de dia na terra e de noite no barco. Janim não precisava me contar, isso eu já sabia.

— Mas só no dia em que o barco ficou pronto é que eu percebi que ele não estava sendo feito para distrair um pouco a mente de seu pai, Moabe. Não imaginei que ele tivesse coragem de usá-lo. Sua mudança para o outro lado do Lago era pra ser definitiva.

Janim me mostrou os primeiros dias da construção do barco. Estranhei. Não parecia aquele barco que eu virava ao contrário pra me esconder até ser encontrada pelo papai. Estava bem diferente.

— Seu pai nunca havia feito um barco na vida — o Pajem me contou. — Aquele foi o primeiro. Por isso ele errou muitas vezes, até entender como se fazia. A construção e a descoberta do melhor modelo para o barco distraíram tanto o seu pai que a manhã do seu décimo aniversário, a manhã do dia 22 de setembro, o encontrou serrando tábuas. Viver ininterruptamente



o dia e a noite quase o fez perder a noção do tempo, mas eu sabia que ele jamais se esqueceria daquela data. Ele ainda sentia saudades de você.

Foi ao cair da tarde, depois de trabalhar na terra, que ele se lembrou dos seus dez anos. Queria poder fazer um sonho especial em que desse um presente para você, muitos abraços e muitos beijos. Mas não podia. Cada vez que ele tentava, sentia uma dor insuportável e era obrigado a parar. Mas continuou tentando. Insistiu a noite toda, se esforçando ao máximo para poder vê-la, nem que fosse por alguns instantes ou num piscar de olhos, para dizer que não a havia esquecido, desejar feliz aniversário e dar pelo menos um beijo, mas era impossível. Já haviam sonhos demais guardados entre seus pensamentos, não havia espaço para mais nada, mas ele precisava abrir um espaço de qualquer jeito, tinha de haver uma maneira! Você era a filha dele, qualquer coisa que ele pudesse fazer valia a pena, qualquer coisa. Algo ia ter de sair para dar lugar àquele sonho; alguma coisa ia ter de sair, dormindo ou acordado.

Janim disse que não sabia como um sonho podia sair da mente de uma pessoa sem ela dormir; não havia caminhos para isso. No entanto, foi assim que eu nasci, de verdade.



As primeiras semanas me ensinaram uma porção de sentimentos. O primeiro foi um sentimento que nunca soube o nome. O senti assim que perdi meu pai de vista, no meio da vastidão das águas do lago. Não tinha certeza de para onde papai tinha ido nem quanto tempo passaria longe de mim. Achei que iria visitar alguém do outro lado do Gigante e logo estaria de volta. Então aprendi a sentir saudade.

Naquele dia, fiquei até de noite olhando pro Lago e repetindo o que ele tinha me dito antes de embarcar. Adeus, e só. Amanheci deitada à margem do lago, e não tinha sonhado nada durante a noite. Fazia um dia que meu pai tinha partido.

Os dias seguintes me ensinaram a sentir impaciência. A todo momento me pegava olhando pro Gigante, esperando ver um pontinho azul, o barco do meu pai retornando. Ele demorava, mas mantive minhas contas e sabia exatamente havia quanto tempo estava esperando, e quanto tempo ainda estimava esperar. Nas minhas estimativas, nunca faltava muito. E, como estava demorando mesmo, pensava em papai num lugar muito distante; e quanto mais distante estivesse, mais eu o sentia perto de mim, parte de mim. Ia aprendendo, aos poucos, a



sentir esperança.

* * *

No princípio, éramos só eu, as plantas e os animais. Não que antes disso não houvesse nada, mas minha história até o dia em que desci pela primeira vez à margem sul do Lago Gigante jaz esquecida para sempre e não me pertence mais. Sou outra pessoa, sou pai.

Posso dizer que a vida com a minha filha era mais que um sonho. Era o único sonho que eu podia ter sem precisar dormir. Toda a dor e o cansaço que me causavam noites e dias acordados eram compensados em dobro pela sua companhia. Vê-la dormir, vê-la brincar, era um alívio e um prazer, era uma saída da espiral a que eu estava preso — o dia que virava noite que virava dia. Só eu permanecia, carregado pelo redemoinho. Meu ânimo, meu remédio, o tronco firme ao qual me agarrei pela correnteza invencível, chama-se Moabe.

Pensava às vezes no passado, antes dela. Pensava que eu só inventava sonhos para que me fizessem companhia, não para que se tornassem realidade. Ela, no entanto, me fez companhia; e, quando eu precisei, tornou-se também realidade. É engraçado



dizer, mas Moabe nasceu no dia do seu próprio aniversário. Nasceu e viveu comigo durante não muito tempo, mas o suficiente para me sangrar o peito quando tive de partir. Mesmo assim, que me sangrasse. Daria qualquer coisa para fazer daquele tempo um longo tapete e estendê-lo até além da eternidade. Caminharíamos por ele, então, sempre juntos.

Contudo, todo homem tem limites, e eu já havia ultrapassado todos os meus. Senti que se não saísse por algum tempo para tentar descansar começaria a morrer ali mesmo, diante dos olhos da minha filha. E isso eu não queria. Jamais jogaria fora a vida que ela me restituíra. Entretanto, sofria ao saber que para isso precisava deixá-la por um tempo que não sabia medir. Não a arriscaria, levando-a comigo. Não sei remar, e se por acaso tivesse de ir para o Norte, não gostaria de vê-la por lá. Eu suportei os grilos e os pássaros por tanto tempo que poderia ter enlouquecido, mas será que suportaria a distância de Moabe? Todos os nossos momentos, de todos os dias, foram de alegria plena; e só a lembrança deles seria um peso maior que qualquer bagagem.

Minha vida então tornara-se um elástico frágil; na ponta de lá, minha filha, na ponta de cá, eu mesmo. Temia que o elástico arrebentasse com a distância, mas, por outro lado, nossa proximidade tornava minha vida flácida e periclitante. Não pela pro-



ximidade em si, e é isso que me dói, mas por conta daquele lugar. Só desejava que minha ausência fosse tão temporária quanto inevitável. Sentia que a qualquer momento desintegraria, assim como acontece com a neblina sobre o Gigante ao raiar do dia.

* * *

Amanheceu um lindo dia no meu aniversário de onze anos. As cores do céu espalhavam-se numa superfície lisa e iluminada, onde as nuvens costuravam emblemas efêmeros. Toda a natureza parecia ter entrado em acordo: o movimento das folhas, a direção do vento, os sons dos animais, tudo estava perfeitamente ensaiado. Lembro-me bem disso tudo porque era um dia importante, era meu primeiro aniversário longe do meu pai.

Havia aprendido a me virar bem sozinha, mas ainda sentia bastante a sua falta. Ainda me punha, com religiosa assiduidade, a contemplar o imenso lago que o havia levado... Por aqueles dias, aliás, notava que o lago estava ficando diferente. A água estava escurecendo, ao mesmo tempo em que a margem se afastava rapidamente da porta de casa. O Gigante estava secando. Outra coisa também me chamava a atenção durante todo o período de ausência do meu pai: eu ainda não tinha sonhado nem uma





noite, desde que ele partira. Sabia que não se tratava de sonhar e esquecer depois. Passei a tentar, a cada manhã, lembrar de algo que pudesse ter sonhado, e há muitos meses o resultado era nenhum. Não podia ser só esquecimento. Naquela manhã em que eu completava onze anos, fiz como todos os dias e também não deu em nada. Depois desperdicei a bela tarde sentada na beira do lago. Observava-a se afastar pouco a pouco. Já planejava me levantar e entrar em casa quando desviei o olhar da beira d'água para o horizonte. Extática, pude ver, lá no fundo, a silhueta de um barquinho e seu remador, recortadas pelo fim da tarde.

Quando papai se aproximou mais, não pude conter a euforia e pulei na água. Ele pulou também e, assim que nos encontramos, no raso, ganhei um abraço apertado, muitos beijos e o melhor presente de aniversário que eu poderia imaginar.

Mas assim que bateu o primeiro vento frio da noite eu estava de volta à beira do Gigante, encolhida no chão. Enfim sonhara. Levantei e entrei em casa, onde passei o resto da noite pensando no meu pai. Seria aquilo um sinal? Ontem à noite perguntei a Janim se tinha sido ele quem havia feito o sonho. Ele disse que não.

* * *

braçada. “Socorro, pai!” Meus músculos suplicavam para que eu parasse, mas eu jamais faria isso. “Moabe!” Tinha de salvar minha filha, ela estava se afogando. “Moabe!” Já não a via mais, ela havia afundado. Mergulhei procurando alguma coisa, mas só tateava o escuro e o silêncio, até que de dentro do silêncio surgiu uma voz.

— Petor, você me ludibriou.

Submerso, o breu era total, e com isso a voz parecia ainda mais ameaçadora.

— Seus olhos podem ter descansado, mas, enquanto estiverem abertos, não verão nunca mais o rosto da sua filha.

Gritei e me debati, mas minha voz se embaralhava dentro d’água. Meus gestos também tinham cada vez menos força. Meu corpo já havia perdido o ar quando pude emergir e enfim me encontrar estirado dentro do barco azul, que vacilava entre marolas. Olhei ao redor. O pouco que havia para se ver ainda estava em seu lugar. O Gigante me cercava por todas as direções, até onde eu o enxergava, já não sabendo bem o que era a noite e o que era o lago. Toquei minhas roupas, secas. Tudo em seu lugar, menos eu. Quer dizer, meu corpo estava ali, boiando, mas a minha vida sem dúvida tinha ficado para trás; e já estava na hora de voltar a ela. Uma vez mais peguei no remo e pus-me a pensar.



Além de tudo, não entendia. Havia dias o pesadelo de Moabe se afogando se repetia. Não conseguia mais sonhar meus próprios sonhos por inteiro. Quando me dava conta estava a nadar, com a certeza de que Moabe estava logo adiante, precisando de mim desesperadamente, e eu nunca a alcançava. E, depois, de onde vinha aquela voz? De onde vinha tudo aquilo? Não resisti tanto tempo sem dormir para enlouquecer logo depois de conseguir.

Acreditava estar bem no meio do lago, onde nada mais se via além do céu, da água e do horizonte dividindo os dois. Mas não tinha muita certeza, pois passava os dias remando e não chegava a lugar algum, nunca avistava a margem. Parecia não sair do lugar. “Filha, o barco tem seu nome para eu estar de alguma maneira sempre perto, sabia?” De vez em quando, olhava para frente e me iludia acreditando ver minha casa, Moabe me esperando na porta, acenando e correndo para me abraçar. Nenhum dia deixei de remar. De noite também, para escapar dos pesadelos. “Não deixei um dia escapar sem pensar em você, filha.” O barco já dava sinais de desgaste. Pelas frestas da madeira, a água entrava. Ainda me conservava lúcido, pois percebia a ironia do meu destino. Então, súbito me chicoteava com esperança. “Nem que eu tenha de beber toda a água deste lago! Eu vou chegar aí, filha, agüente!” Enquanto descansava, olhava pro chão do barco, úmido, e dizia:

— Não chore, Moabe!

* * *

O Gigante já não é um lago; é um charco, um pântano raso. Quando me levantei ontem à noite e vi as luzes lá do outro lado dele, me perguntei se meu pai estaria lá. Ontem foi 20 de março, hoje, 21. Muitos aniversários já passei longe do meu pai... Mantenho meu calendário, mas já não sei mais quantos anos estive longe dele. Ontem era pra ter sido mais uma noite comum entre dois dias comuns. Chovia fino. É comum eu me levantar no meio da noite, às vezes, e olhar o Gigante pela janela. Havia muito tempo não se viam aquelas luzes acesas. Decidi sair. Quem sabe meu pai não estava lá? Andei em direção às luzes. Engraçado pensar que tempos atrás o lugar em que eu estou agora era o fundo de um lago. Hoje é só terra úmida. Em alguns lugares cresce grama. Enquanto eu andava, conseguia escutar a voz do meu pai.

— Fale comigo, pai! Estou aqui!

Quando olhei pra trás, não vi mais minha casa. Andei a madrugada toda, sem nem saber aonde iria parar. Via as luzes e seguia. Fui conversando com papai, a voz dele me reconfortava. No fim da madrugada, quando começou a ficar claro, não dis-



tinguia mais as luzes. Fiquei perdida. Então olhei pro céu e vi a primeira cor do dia aparecer no horizonte: azul clarinho. Depois abaixei a cabeça e olhei em volta. Não acreditei. Olhei o céu de novo, pra conferir. Peguei uma direção e corri. Ali no chão, não muito longe de onde eu estava, enxerguei uma coisa pintada com aquela mesma cor.

* * *

Quando tudo já estava feito, eu olhei e chorei, chorei por muito tempo. Passei anos chorando, e, quando não tinha mais lágrimas, peguei emprestadas as águas do Lago Gigante e continuei chorando, até que o lago secou, o corpo de Petor se decompôs e não havia mais nada a fazer. Durante os anos em que chorei, muitas pessoas no mundo não sonharam. Ainda hoje, de vez em quando, lembro-me de tudo e choro mais. A verdade é que nunca me livrarei do arrependimento.

Petor morreu poucas semanas depois de partir. Senti-me aliviado, a princípio; não me satisfazia mais vê-lo sofrer. Ele se perdeu no lago. Eu poderia ter ajudado, mas fui covarde. Depois, nunca mais tive coragem de chegar perto de Moabe. Era o pai que deveria fazer os sonhos dela, eu não tinha o direito. Só o fiz uma

vez, pouco antes de ela ir encontrar o pai, finalmente. Já estava velha, quase não a reconheci. Fiz um sonho para que ela pudesse entender melhor quem era seu pai e quem eu era. Surpreendi-me porque ela não teve raiva. Nem devia conhecer a raiva. Era uma criança. E eu, um monstro. Hoje sinto que meu castigo é quase o mesmo daquele imposto a Petor. Continuar acordado. A diferença é que eu não posso morrer. Acho justo.



CODA

Era mesmo o barco do meu pai... Virei-o ao contrário e me deitei debaixo dele. Senti-me criança de novo e dormi. Então, por causa de Janim, sonhei pela segunda vez, desde que papai partira. Acordei não sei bem por que nem em que hora da tarde, mas continuo deitada aqui embaixo. Papai sempre soube do meu esconderijo.

FIM



A SONG FOR
ALL SEASONS

SOBRE A BANDA

Em 1969, em Surrey, Inglaterra, o Renaissance surgiu dos ex-membros da banda The Yardbirds Paul Samwell-Smith, Keith Relf e Jim McCarty, que organizaram um novo grupo dedicado à experimentação entre *rock*, *folk music* e música erudita. Com dois discos lançados, a banda se dissolveu e surgiu logo depois com nova formação: Annie Haslam no vocal, Michael Dunford no violão, John Tout no piano, Jon Camp no baixo e vocal e Terry Sullivan na bateria. Na década de 70 a banda passou por uma carreira bem sucedida comercialmente. Em 1978 emplacaram a canção "Northern Lights", do álbum *A Song for All Seasons*, o mais relevante disco da carreira. Nos anos 80, a banda acabou mais uma vez, voltando com duas formações diferentes na década seguinte. Em 2002 gravaram o álbum *Tuscany*, mas a brigas continuaram e a reunião não se propagou. Em 2005, com a banda Renaissance, Terry Sullivan gravou o álbum *South of Winter*, ao estilo Renaissance.

CRÉDITOS ORIGINAIS

A SONG FOR ALL SEASONS - RENAISSANCE

Design e Fotografia por Hipgnosis

Lançado em 1978

Selo: Sire Records

Produzido por David Hentschel

Para mais informações sobre a banda, visite:

<http://www.nightsweb.com/>

SOBRE O AUTOR

Luca Argel é carioca, estudante do curso de Licenciatura em Música, pela UNIRIO. Sempre trabalhou conjuntamente com a música e literatura - ao mesmo tempo em que tocava com a sua banda nos saraus do Colégio Pedro II, onde estudou a vida toda, escrevia poemas e textos que eram publicados no jornal do grêmio. Recentemente publicou seu primeiro livro de poesias na internet *Em Cima do Chão* e concilia os estudos de música com participações em concursos de contos e editoras digitais, como a MOJO Books.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

40 A SONG FOR ALL SEASONS

RENAISSANCE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. OPENING OUT
2. DAY OF THE DREAMER
3. CLOSER THAN YESTERDAY
4. KINDNESS (AT THE END)
5. BACK HOME ONCE AGAIN
6. SHE IS LOVE
7. NORTHERN LIGHTS
8. A SONG FOR ALL SEASONS

